



**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**BRUNA BEATRIZ BENITES SOARES**

**(depoimento)**

**2020**

**GRECCO-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-248

**Entrevistada:** Bruna Beatriz Benites Soares

**Nascimento:** 16/10/1985

**Local da entrevista:** Porto Alegre, RS

**Entrevistadora:** Suellen dos Santos Ramos

**Data da entrevista:** 17/11/2020

**Transcrição:** Hyunde Nairóbi Santos Viegas da Silva

**Copidesque:** William Charles Osório Gomes

**Pesquisa:** Suellen dos Santos Ramos e Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 25 minutos e 40 segundos

**Páginas Digitadas:** 10 páginas

**Observações:**

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História - GRECCO está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início no futebol; Apoio da mãe para jogar; Clubes onde atuou; Seleção Brasileira de Futebol Feminino; Competições; Atuação como capitã da Seleção; Lesão; Seleção Permanente; Campeonato mundial de Clubes; Carreira internacional; Sport Club Internacional.

Porto Alegre, 17 de novembro de 2020. Entrevista com Bruna Beatriz Benites Soares a cargo da pesquisadora Suellen dos Santos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias.

S.R. – Bruna, primeiro eu gostaria de te agradecer por estar concedendo essa entrevista e por estar disponibilizado teu tempo. E vou começar perguntando como iniciou a tua trajetória no esporte? Se foi direto no futebol ou se tu teve alguma outra experiência esportiva?

B.S. – Boa tarde. É um prazer sempre falar sobre mim, sobre o futebol feminino. Na verdade, como eu sou a única menina de três irmãos, a gente sempre brincava de tudo, então, desde criança minha brincadeira era com eles, conseqüentemente com meninos era o futebol. Mas eu tive acesso a outros esportes, óbvio, na escola; então, eu gostava muito de jogar vôlei e no colégio simultaneamente ao futebol eu jogava vôlei também. Só que aí chegou uma hora que eu tive que escolher entre um ou outro porque não tinha mais como conciliar os dois e acabei optando pelo futebol. Então assim, meu passo inicial foi na escola, na verdade a minha ideia e sempre conversei com a minha família sobre, era em relação de jogar futebol e estudar, jogar futebol para estudar. Então meu objetivo sempre foi esse, eu vou jogar para estudar conseguir bolsas para estudar em escolas boas, depois faculdade me formar e aí sim exercer minha carreira. Mas não foi o que aconteceu, eu acabei jogando, graças a Deus deu certo a questão das bolsas de estudo, fiz a faculdade, terminei a faculdade parei de jogar por dois anos para trabalhar na minha área e por vontade da minha mãe, o sonho dela era me ver jogar na televisão. Ela sempre falava, sempre que ela assistia ela falava assim: “Eu queria muito fosse você, que queria que fosse você”. Só que eu já tinha parado de jogar, que assim, quando saí da faculdade, eu optei por exercer a profissão. E aí ela falando isso, falando isso, eu falei: “Mãe, mas agora já foi.” E depois surgiu a oportunidade novamente, ela falou para mim: “Vai, se não der certo você já tem a sua profissão e você remonta”. E eu atendi o conselho dela tudo aconteceu na minha vida. E estou no futebol até hoje.

S.R. – E a aceitação da tua família sempre foi tranquila, em relação tu, uma menina, jogando futebol?

B.S. – Sempre, sempre. Em relação eles sempre foram tranquilos, até porque a minha mãe também jogava quando era criança, jogava na escola. Ela morava no interior e tinha um time de futebol do Exército e ela representava também. Então assim, ela sempre gostou e por ironia do destino a única menina da casa foi a que seguiu no futebol. Meus irmãos não jogam, gostam lógico, assistem, mas não jogam, eu fui a única. Felizmente eu acho que tudo isso se deve ao apoio da minha família, que se não fosse eles eu provavelmente não teria permanecido no futebol.

S.R. – E esse período do colégio, assim, acho que já perto da adolescência, tu jogou em alguma equipe?

B.S. – E eu jogava quanto eu tinha uns treze anos, eu joguei num time que tinha no meu bairro.

S.R. – É, desculpa, tu é natural da onde?

B.S. – Cuiabá, Mato Grosso. E eu jogava num time do meu bairro, uma vez eu fazia catequese todo sábado e um belo dia eu estava indo para catequese e eu vi um monte de menina de uniforme, aí eu fui lá perguntar e descobri que era um time de futebol. Porque até então eu não sabia, não tinha visto nenhum time, jogava só com meus irmãos, jogava na escola no meio de meninos, então, não sabia que tinham um time de futebol feminino no meu bairro. E aí eu insisti, cheguei em casa, falei com a minha mãe e aí a minha vizinha falou: “Eu levo ela lá, eu conheço o pessoal”. E me levou lá aí eu acabei entrando nesse time, era a mais nova tinha treze anos na época e as meninas todas já eram adultas, então eu mais treinava do que jogava. Ia lá, ficava treinando, não podia participar das competições ainda. Mas foi meu passo inicial no futebol.

S.R. – A que legal. E essa oportunidade que tu disse que surgiu foi depois que tu estava formada, foi em que contexto? Em que lugar?

B.S. – Então, eu tinha terminado a faculdade e eu estava trabalhando como fisioterapeuta. E de vez em quando eu treinava e surgiu a oportunidade de disputar um campeonato de

futsal. Se eu não me engano acho era em Maringá<sup>1</sup>. E eu tirei alguns dias do trabalho e peguei fui jogar. Fiquei uns quatro dias fora. E nesse torneio a equipe do Kindermann<sup>2</sup> estava lá disputando o torneio. E eles falaram comigo, falaram que estavam interessados, acharam que eu poderia fazer parte da equipe. E eu aceitei e fui para lá, fiquei seis meses na equipe do Kindermann, mas aí voltei pra casa porque não me adaptei e não era aquilo que queria pra minha vida. Então, na minha cabeça: “Não era isso que eu queria para a minha vida, não quero o futebol para minha vida”. E voltei pra casa, isso foi em 2009 se não me engano, fiquei lá da metade de 2009 até o final. E voltei pra casa. Falei pra minha mãe: “Não, futebol não é o que quero para minha vida”. E segui trabalhando e dois anos depois, dois anos depois não, um ano e meio depois, em 2011 eu recebi um convite para ir para o Foz<sup>3</sup>. Só que eu não queria ir, eu estava relutando, eu estava trabalhando já, falei: “Não, estou trabalhando, não vou deixar meu trabalho”. Aí a minha mãe: “Mas minha filha pensa bem porque o lugar é diferente, o momento é diferente, então, não significa que seja igual ao lugar que você esteve. Então pode ser que você goste”. E até ela ficou naquela falando um monte de coisa e eu falei: “Vamos tentar!” E fui para o Foz e lá minha vida mudou assim, tudo aconteceu. Cheguei lá em março de 2011, perdida, quando eu cheguei lá eu falei: “Meu Deus o que eu estou fazendo da minha vida, deixei meu trabalho, deixei tudo”. Mas assim, foi a melhor decisão que eu poderia ter tomado porque tudo aconteceu dali para frente. Então no final desse ano, no final de 2011 a gente conquistou a Copa do Brasil. Lá o treinador da Seleção Brasileira, que era na época o Jorge Barcellos<sup>4</sup>, tinha ido assistir o jogo, terminou o jogo ele veio, me cumprimentou, falou: “Gostei muito do seu trabalho, as portas da Seleção estão abertas para você”. Só que assim entrou num ouvido e saiu no outro. Eu não tinha pretensão nenhuma em ir para a Seleção Brasileira. Isso foi no final de novembro de 2011, aí janeiro de 2012 eu fui convocada pela primeira vez, janeiro de 2012, foi ano olímpico. E aí tudo aconteceu, fui para a Olimpíada<sup>5</sup> e desde então as coisas aconteceram na minha vida de uma maneira extraordinária. Muitas coisas boas, algumas ruins, mas me fizeram chegar até aqui.

S.R. – E tu teve passagem por outras equipes além do Foz aqui no Brasil?

---

<sup>1</sup> Cidade do Estado do Paraná.

<sup>2</sup> Sociedade Esportiva Kindermann.

<sup>3</sup> Foz Cataratas Futebol Clube.

<sup>4</sup> Jorge Luiz Barcellos Martins.

<sup>5</sup> Jogos Olímpicos de Londres 2012.

B.S. – Sim, fiquei 2011 e 2012 no Foz. 2013 e 2014 no São José<sup>6</sup>. Aí em 2015 teve a Seleção Permanente, então tive que sair do São José e integrar a Seleção Permanente. Fiquei na Seleção Permanente o ano todo de 2015, que foi o ano onde me machuquei, até a metade de 2016 que foi a Olimpíada<sup>7</sup>. Depois da olimpíada fui para Noruega, no ano seguinte para os Estados Unidos, no ano seguinte para China e agora estou no Inter<sup>8</sup>.

S.R. – [Riso] E como foram essas tuas experiências no exterior?

B.S. – Na verdade, assim, antes da lesão eu tive vários convites para sair, mas eu não tinha essa vontade, nem curiosidade de jogar fora, porque eu sempre defendi que a gente tem que lutar pelo futebol feminino aqui. É muito fácil você estar lá e falar que no meu país é isso, é aquilo. Eu acho que a gente tem que construir as coisas juntos, a gente tem de passar por tudo juntos. Mas como eu tinha tido um ano bem difícil em 2015, que eu me machuquei faltando um mês para Copa do Mundo, tive uma lesão no joelho e acabei tendo que operar, fiquei de fora, perdi o ano todo, retornei no início de 2016 e como eu estava só na Seleção Permanente, eu não tinha como ter ritmo de jogo, eu só treinava. E na Olimpíada de 2016 acabei jogando pouco, então, eu estava cansada de tudo, eu estava chateada porque eu queria muito ter jogado, eu estava triste porque eu tinha passado por uma situação difícil e não consegui fazer o que eu queria mais fazer que era jogar, que era realmente vivenciar a experiência de jogar a Olimpíada dentro do país, não só integrar, é óbvio estar no grupo é muito bom, mas como todo atleta eu queria estar dentro de campo. Infelizmente isso não foi possível. Então eu estava meio que com a cabeça cheia e eu achei que precisava respirar algo diferente, foi quando a aceitei sair do Brasil pela primeira vez. E aí eu fui para Noruega e foi uma experiência incrível, é um país incrível, pessoas incríveis, o nível do futebol deles me surpreendeu muito, muito competitivo, mas é um futebol mais físico, mais forte. E no ano seguinte tive a oportunidade de ir para os Estados Unidos, também aprendi muito, não tem o que falar, Estados Unidos em relação ao futebol feminino é referência, então, me acrescentou muito. E aí a China, que foi um desafio

---

<sup>6</sup> São José Futebol Feminino.

<sup>7</sup> Jogos Olímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> Sport Club Internacional.

totalmente diferente, uma cultura totalmente diferente, você estar num lugar assim totalmente oposto ao nosso, então assim, nas coisas que eles acreditam, as coisas que eles praticam, é tudo diferente da nossa cultura. Então foi uma experiência que me acrescentou muito como pessoa, mas não é tão simples como as pessoas acham. “Vai para a China para ganhar dinheiro que é legal!” É muito difícil você estar lá. Porque assim, a língua é complicadíssima, questão de alimentação é difícilíssimo, então assim, é realmente um exercício de autoconhecimento, de você tentar manter a cabeça no lugar o máximo que possível para você não surtar lá. Tudo é diferente, além do mais ainda tem a questão de fuso horário, são onze horas de diferença. Quando você pode falar, as pessoas daqui não podem falar, quando você não pode falar, é a hora que todo mundo está disponível. Então você meio que você fica sozinha, acaba sendo difícil. Mas não me arrependo, foi uma experiência que me fez crescer muito. Eu costumo falar que assim, todo mundo tinha de ter a oportunidade de ir para a China, não morar, sei lá, mas sim ficar uma semana para ver como é você estar em outro lugar, é uma cultura totalmente diferente. E depois de todo esse tempo fora, eu estava querendo estar mais perto de casa, óbvio estou aqui em Porto Alegre, não estou perto de casa, mas é muito mais fácil a questão de estar ali. Então assim, eu estava sentindo falta já, de ficar no Brasil, de morar no Brasil. E estou muito feliz agora.

S.R. – E como acontecem as competições na China, na Noruega?

B.S. – A organização é absurda, sabe. Eles têm um planejamento de calendário que é fora do normal. Tudo é pensado. Por exemplo, nos Estados Unidos eles organizam as competições de forma que nenhuma modalidade vá atrapalhar a outra, para as pessoas que moram no país ter o que prestigiar o ano inteiro. Tanto é que eles fazem temporadas diferentes, o futebol, aí você pega uma fase diferente do basquete, aí tem a questão do futebol americano. Eles conseguem organizar tudo durante o ano para você poder assistir, prestigiar todos os esportes. Então assim, coisas que a gente ainda não consegue fazer aqui, muitas vezes até dentro da mesma modalidade a gente tumultua os campeonatos, e isso é o que poderia ser melhor organizado. E na China também, são poucas equipes, mas você consegue ter o campeonato ano inteiro, eles têm umas ligas no início e no meio do ano que todos os times participam. Eu achei bastante interessante porque tem dois campeonatos, um no início e um meio do ano, em que as equipes de todas as divisões participam. Então você pega times de primeira divisão, como times de segunda divisão, aí eles convidam uns



times que, não são universitários, mas assim, que seriam de uma terceira divisão. Então, todo mundo participa. E você acaba conhecendo e trocando experiência que é um negócio bem bacana.

S.R. – Parece ser bem organizado. E dessas passagens tu pela Seleção, tu pode citar alguns momentos marcantes, que vão ficar para sempre na tua memória?

B.S. – Eu acho que não tem como esquecer a primeira convocação, lógico, foi algo que, primeiro, eu não esperava, eu nem sabia como é que funcionava. De repente me ligaram, falando: “Parabéns, parabéns!” Eu nem sabia o porquê, não acompanhava., “Você foi convocada.” É uma sensação surreal, você ver o seu nome ali pela primeira vez, e naquela época eu tinha vinte e seis anos já, estava totalmente fora dos meus planos, minha ficha só caiu quando eu pisei a primeira vez na Granja<sup>9</sup>, que eu vi tudo, falei: “Meus Deus, olha aonde eu cheguei”. E acho que as duas Olimpíadas, tanto a minha primeira que foi em Londres e principalmente a Olimpíada aqui no Brasil, você dentro do seu país, você colocar quase setenta mil pessoas no Maracanã<sup>10</sup> é algo extraordinário e vai ficar marcado na minha memória.

S.R. – E tu esteve capitã da Seleção Brasileira por alguns momentos, como é que se deu esse processo?

B.S. – Sim. Na verdade, a Bagé<sup>11</sup> era capitã e aí ela acabou se machucando e eles tipo sentaram comigo e falaram: “Bruna, a gente quer que você assuma e gostaríamos de saber se você aceita?” E é obvio que eu jamais negaria um privilégio muito grande. E foi assim algo que me acrescentou muito também, eu não costumo dizer assim, o fato de você ser capitã não te faz melhor do que ninguém, mas você reapresenta de alguma maneira, você é uma figura ali. E ter o respeito das meninas, você pega a seleção brasileira, são as melhores do país e você estar ali como capitã representando a equipe, é algo que é privilégio para poucos. Então eu estive capitã da Seleção até a minha primeira lesão, até 2015, então foram dois anos e aí quando eu machuque. Na Copa do Mundo e eles falaram: “Bruna, a

---

<sup>9</sup> Granja Comary, Centro de Treinamento da Confederação Brasileira de Futebol.

<sup>10</sup> Estádio Jornalista Mário Filho

<sup>11</sup> Daiane Menezes Rodrigues.

gente precisa escolher uma outra, o que você acha, a gente quer te ouvir também.” E aí nos sentamos, a gente conversou e eles falaram: “A gente tem alguns nomes, o que você acha? O grupo vai aceitar, o grupo tem o respeito”. E aí foi decidido e a Marta<sup>12</sup> está até hoje lá, independente de estar com a faixa ou não, ela é uma referência dentro da Seleção Brasileira. Mas a minha postura em momento algum mudou, eu acho que a faixa é só um símbolo, se você tem o respeito do grupo, eu acho que isso que é o mais importante. A gente costuma dizer que no futebol tem dois tipos de capitão: o capitão que carrega a faixa e o capitão que o grupo elege, pelo respeito. Às vezes a equipe tem a sorte de ter os dois em um, às vezes não. Mas eu sou muito grata assim por ter tido essa oportunidade. E hoje mesmo não sendo, eu sinto que elas têm o respeito muito grande por mim e eu acho que isso é o mais importante.

S.R. – Já teve a oportunidade de levantar algumas taças né?

B.S. – Sim. Copa América 2014 foi assim algo que fica marcado na minha memória, porque foi uma competição importante que nos dava o direito de ir para Olimpíada, para Copa do Mundo, então, era uma competição muito importante. E é óbvio os torneios também, mas assim a Copa América é especial pelo tamanho da competição.

S.R. – E além da Seleção tem alguma outra competição que te deixou marcada também?

B.S. – O Campeonato Mundial de Clubes pelo São José em 2014. A gente foi campeão mundial num jogo difícilíssimo, em cima do Arsenal<sup>13</sup>. Foi engraçado que um dia antes do jogo a gente tinha feito a preleção e eles passaram o vídeo da equipe delas. E enquanto eu assistia ao vídeo, eu estava só pensando: “Meu Deus, como é que a gente vai ganhar desse time?” porque elas eram altas, elas eram fortes, elas eram rápidas, então era como se não tivesse fraqueza o time. E a gente: “Putz, o que a gente vai fazer?” E antes do jogo a gente se fechou ali: “Independente de quem está do outro lado, a gente não sabe quem elas são, nós sabemos quem nós somos, então, vamos nos preocupar com o nosso time, vamos fazer a nossa parte, se a gente controlar o nosso jogo não tem para elas”. E foi isso que nós fizemos, então assim, quando o juiz apitou, com cinco minutos de jogo eu sabia que agente

---

<sup>12</sup> Marta Vieira da Silva.

<sup>13</sup> Arsenal Women Football Club.

não ia perder. Eu falei: “A gente não vai perder esse jogo nunca!” E não foi diferente, foi um jogo que assim, eu consigo me lembrar de cada minuto de cada minuto daqueles noventa, porque foi muito especial e é uma competição única, foi uma competição e nós temos esse título e ninguém mais tem. Um time brasileiro e você estar ali, fazer parte daquilo e eu tive o privilégio de levantar o troféu, então é para mim é muito especial.

S.R. – Tu já conquistaste algum Campeonato Brasileiro?

B.S. – Brasileiro é o único que me falta e o único que me falta no Sul é o do Rio Grande do Sul e se Deus quiser vai ser esse ano.

S.R. – Vai ser, vai ser. Falando de Rio Grande do Sul, como é que aconteceu a tua vinda para o Inter?

B.S. – Inter apareceu na minha vida em um momento que fez toda a diferença, porque eu estava voltando da segunda lesão, estava no processo final já, meio sem saber o que fazer, depois quando o pessoal soube que eu já estava perto de voltar, aí o pessoal começou vir atrás, algumas equipes de fora. Mas eu não queria ir pra fora, eu queria ficar aqui porque eu já estava cansada assim de ficar muito tempo longe e eu queria ficar no Brasil. Mas eu queria um lugar que eu soubesse que tem um trabalho sério, um lugar sem muito oba-oba, um lugar tranquilo, sem muita badalação, aquela coisa toda. E eu acho que aqui foi o lugar perfeito. E o mais importante de tudo, eu queria estar num lugar onde não fosse só a camisa, eu queria estar num lugar que tivesse um projeto, que levasse o futebol feminino a sério. Porque a gente sabe que o que mais acontece hoje: “A obrigatoriedade dos clubes de ter o futebol feminino e a gente vai lá e dá a camisa e se vira”. E eu não queria fazer parte disso. E aí veio o Inter e eu fui atrás, eu procurei para saber como é que era, como é que as coisas funcionavam aqui, depois eu soube que eles têm um trabalho de base incrível e é motivo de orgulho para todos nós que fazemos parte do clube. E eu aceitei o desafio, eu fiquei muito grata também pelas pessoas terem confiado no meu trabalho, porque eu sou uma atleta hoje de 34 anos, na época eu tinha 33 anos e estava voltando de lesão, então assim, é motivo de desconfiança para todo mundo, para qualquer um. E não dá pra julgar, é natural. E em momento algum aqui ninguém falou assim: “A gente vai ver...” Não, na

---

hora: “A gente quer que você venha”. E isso foi algo que me deixou muito feliz, porque eu senti que valorizavam meu trabalho, independente de qualquer coisa, eles sabiam quem eu era, pela história que eu tenho e não pelo o momento que eu estava vivendo, e me deram um voto de confiança e eu vim pra cá e estou muito feliz. Fui surpreendida positivamente, encontrei algumas pessoas também que eu já trabalhei e que eu gosto muito e o ambiente do grupo, não só dentro como fora de campo, é maravilhoso. Eu acho que não poderia ter feito uma escolha melhor.

S.R. – Apesar de ter iniciado tarde, entre aspas, a tua ascensão foi mais tarde, tu já passou por diversos momentos. O que tu pode dizer do momento atual do futebol feminino?

B.S. – Olha, eu acho que a gente está em um momento em que todo mundo queria que o futebol feminino chegasse. Tem muita coisa acontecendo, as equipes realmente se interessando, procurando, a gente sabe que tudo isso veio da obrigatoriedade, mas tinha que começar de alguma forma. E aí o fato de você ver, por exemplo, aqui no Sul, você pega o Inter e você pega o Grêmio<sup>14</sup>, que são os maiores rivais, um não vai querer ter uma equipe mais fraca que o outro, e aí vão correr para se fortalecer. Assim como em São Paulo, em Minas Gerais, então, isso é legal porque acaba abrindo espaço para todo mundo e a gente vai fortalecendo de maneira geral, até porque se o futebol feminino brasileiro, for forte, isso vai beneficiar todo mundo, as meninas que estão começando a jogar, um exemplo grande e real, somos nós aqui no Inter, a gente tem as meninas dos quatorze anos, quinze. Poxa, menina de quatorze anos, ela tem onde jogar, eu com quatorze anos eu fui descobrir que existia. Então assim, é totalmente diferente, hoje as meninas já podem jogar futebol mais cedo, elas sabem que: “Eu quero jogar bola.” E ela tem onde jogar bola, não precisa jogar com meninos necessariamente. Então, isso é bacana, a gente vem num momento que eu acho que ainda não é o ideal, mas nós já demos um grande passo e uma prova disso agora teve a final recente do Paulista<sup>14</sup> foram quase trinta mil torcedores assistir um jogo. Eu acho isso bem bacana. E eu acho que a tendência é essa, as coisas vão se encaixando, a gente vai melhorando. E melhorar o nível do futebol feminino também, isso é algo que acaba ajudando a desenvolver a curiosidade do torcedor. Muita gente acha que o futebol feminino é se graça, mas você pergunta: “Você já foi assistir?” “Não, nunca

---

<sup>14</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

<sup>14</sup> Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

assisti”. Então é complicado e tem gente que nem sabe que tem, são coisas sem divulgação. Então isso são coisas que ainda podem melhorar pra que a gente possa trazer cada vez mais pessoas pro nosso lado.

S.R. – Tua trajetória é gigante. Fica bem difícil de te falar tudo, mas tem alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostarias de falar?

B.S. – Acho que não, acho que não.

S.R. – Eu sempre costumo fazer uma última pergunta. Se nós fossemos fazer uma exposição da Bruna hoje, que objeto a Bruna escolheria para representá-la?

B.S. – Tem que ser um objeto do futebol?

S.R. – Não, não precisa.

B.S. – Eu acho que eu levaria um quadro de visualização. Não sei se você conhece, mas assim, um quadro de visualizações é um quadro onde você coloca fotos das suas conquistas e dos seus objetivos. Então eu levaria um quadro de visualização meu, onde teria fotos da minha família, onde teria fotos de conquistas de onde eu tive, de alguns troféus que eu gostaria de ter em mãos.

S.R. – A que legal esse ninguém tinha falado. Muito obrigada Bruna, mais uma vez.

[FINAL DA ENTREVISTA]